

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DOUBLE BILL
4 de Fevereiro de 2023

IN THE LAND OF THE HEAD HUNTERS / 1914

um filme de Edward S. Curtis

Realização e Argumento: Edward S. Curtis / Imagem: Edmund August, Schwinke / Interpretação: Stanley Hunt (Motana), Sarah Constance Smith Hunt (Naida / A Na'nalalal Dancer), Mrs. George Walkus (Naida / Feiticeira), Paddy 'Malid (Kenada), Balutsa (Waket / Yaklus), Kwagwanu (Feiticeiro), Francine Hunt (Cativa / Bailarina), Bob Wilson (Pescador), Maggie Frank (Naida, não creditada), Awii, Alfred Charlie.

Produção: Seattle Film Co. (Estados Unidos, Canadá) / Cópia: em DCP (original em 35mm), muda, intertítulos em inglês, legendada electronicamente em português / Duração: 65 minutos / Versão restaurada em 2013-2014 / Primeiras exhibições em Portugal do filme numa outra versão restaurada em 1973, da responsabilidade de Bill Holm, George Quimby e David Gerth, com o título “In The Land of the War Canoes”, 43 minutos: “O Olhar de Ulisses”, 2020; Doclisboa, “Um Rio Duas Margens”, 2002 / Primeira exibição na Cinemateca.

In the Land of the Head Hunters é apresentado em “Double bill” com **Louisiana Story**, de Robert Flaherty (“folha” distribuída em separado).

Entre a projecção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos.

Também conhecido como **In The Land of the War Canoes**, e durante muitos anos dado como perdido, esta obra do grande fotógrafo Edward S. Curtis (1868-1952), que dedicou cerca de vinte e cinco anos da sua vida a documentar as tradições dos índios norte-americanos em imagens fotográficas únicas, é uma raridade nunca vista na Cinemateca. Em 1914 Edward Sheriff Curtis realizou **In the Land of the Head Hunters** em que ficcionou uma história de amor (o amor contrariado entre Motana e Naida) e de vingança entre a tribo dos Kwakwaka'wakw (ou Kwakiutl), que viviam nas ilhas de Vancouver, na British Columbia (no Canadá), num filme inteiramente por eles interpretado. Virtualmente perdido após a sua estreia em 1914 até finais dos anos 1940, o filme conheceria uma nova montagem e uma nova versão muitos anos mais tarde, essa sim com o novo título **In The Land of the War Canoes**, da responsabilidade dos antropólogos Bill Holm, George Quimby que, em 1973, face ao material existente, alteraram substancialmente a montagem do filme, acrescentaram-lhe uma nova banda sonora que incluía cânticos indígenas, reescreveram intertítulos, produzindo um novo filme. Hoje apresentamos uma versão restaurada para o centenário do filme em 2014, que regressa ao seu título e à montagem original (ao que dela sobreviveu) e à partitura para orquestra, que acompanhou o filme na sua estreia, e a uma duração muito próxima da original, recorrendo para tal a inúmeras imagens fixas, que substituem os planos ainda perdidos, e recuperando novamente os intertítulos e tintagens de base. Impossibilitados de mostrar este restauro do filme em película, mostramos a sua versão digital, constituindo esta projecção um verdadeiro acontecimento cinematográfico.

Para além das suas qualidades intrínsecas, a grande importância e originalidade de **In the Land of the Head Hunters** no contexto da história do documentário e da história do cinema em geral reside no facto de se tratar da primeira longa-metragem ficcional cujo elenco é

constituído exclusivamente por nativos norte-americanos, antecipando cerca de oito anos o gesto considerado pioneiro de Robert Flaherty em **Nanook of the North** (1922), com os esquimós. Curtis partirá para a região e para os povos indígenas que filma imbuído de uma vontade de ficção, que alia assim à sua curiosidade etnográfica. Não se tratava tanto de procurar o realismo documental, mas de retratar um modo de vida que estava a desaparecer. Hoje exibimos **In the Land of the Head Hunters** em Double Bill com **Louisiana Story**, também de Flaherty. Seria mais directa a sua aproximação a **Nanook of the North**, que mostrámos ainda recentemente na Cinemateca, mas a relação não é menos óbvia, dada a relação de Flaherty com esta desta obra verdadeiramente pioneira que terá visto em 1915, numa altura em que terá ocorrido um encontro entre ambos os cineastas.

De Edward S. Curtis conheci primeiro as suas grandes fotografias sobre os Índios Norte-Americanos, inicialmente incluídas nos vinte volumes intitulados *The North American Indian*, que será certamente a sua obra mais conhecida. Um trabalho magnífico que decorreu de uma obra de pesquisa gigantesca patrocinada por J. P. Morgan, da qual resultaram tais fotografias, mas também gravações sonoras e registos fílmicos em que se propunha a registar o modo de vida e os costumes dos nativos norte-americanos em vias de extinção acelerada. Parte do material que Curtis recolhia era mostrado em *tournées* de conferência acompanhadas por exposições de vidros de lanterna mágica, sendo que o seu interesse particular pelos Kwakwaka'wakw fez com que em 1912 decidisse fazer uma longa-metragem de maior ambição, em que dramatizava e encenava o modo de vida daquela comunidade indígena que já conhecia tão bem, reavivando hábitos e tradições que inclusive já se haviam perdido.

Chega-nos hoje um filme certamente muito mais próximo da versão original que o “restaurado” em 1973, mas mesmo assim ainda incompleto. Contudo, mesmo com as suas lacunas e debilidades narrativas, constatamos de imediato o imenso valor artístico de um objecto que também dá cartas inquestionáveis no domínio da antropologia. Curtis sempre foi muito consciente a este propósito, pois no que deixou escrito refere que com **In the Land of the Head Hunters** sempre quis realizar um objecto sério do ponto de vista etnográfico, mas também um filme que cativasse um público generalista, daí alguma surpresa quando o filme não conquistou o sucesso esperado, desaparecendo de cena um ano depois da estreia. Como aconteceria a Flaherty mais tarde, Curtis também seria alvo de desconfiança académica.

Mas o que é que encontramos em **In the Land of the Head Hunters**? A magnífica reconstituição de histórias, mas também a recriação de costumes (as danças, as guerras, as festas, os rituais), que obrigaram à construção de aldeias inteiras (algumas das casas são mesmo cenários sem espessura). Antecipando o que se faria muitos anos mais tarde, Curtis permitiu aos próprios indígenas que rememorassem e encenassem hábitos e tradições ancestrais, que assim ficaram gravados nas suas próprias memórias e registados para a posteridade: o ritual das cabeças decepadas associado à guerra há muito havia desaparecido, como muitos outros hábitos como algumas das danças magnificamente reencenadas para a câmara de Curtis. Ficamos face ao imaginário e ao suposto modo de vida e gestos fundadores dos Kwakwaka'wakw que, fundindo-se com o imaginário do próprio realizador, se materializam num filme impregnado por uma imensa magia e por imagens assombrosas que nos faz regressar a tempos imemoriais. Veja-se a belíssima dança das máscaras, assim como outros momentos do filme em que Curtis usa exemplarmente a linguagem do cinema para a documentação dos gestos perdidos daqueles que filma. Ficam-nos as imagens de magníficos seres, entre homens-pássaros e homens-ursos, que desfilam em pirogas e nos fazem recuar à riqueza de uma cultura índia então já em extinção e há muito dizimada.

Joana Ascensão